

**DESENVOLVIMENTO LOCAL E SEGURANÇA HUMANA:
Levantamento teórico para elaboração de uma escala de mensuração¹**

Maria do Carmo Romeiro
maria.romeiro@prof.uscs.edu.br

Alexandre Wállice Ramos Pereira
alexandre.ufcg.adm@gmail.com

Palavras-chave: Segurança humana. Vida cotidiana. Microescala de baixo para cima. Nível local.

1. INTRODUÇÃO

A Segurança Humana (SH) é considerada um paradigma para acadêmicos e profissionais, ao se avaliar a necessidade de execução de pesquisas ou da formulação de políticas governamentais (BRESLIN; CHRISTOU, 2015; CARR *et al.*, 2020; NOBRE; BEZERRA; KUHLMANN, 2016), o que a tornou uma temática recorrente em estudos acadêmicos (ATIENZA, 2015; STOETT, 2016), envolvendo diversos campos científicos (ZERVAKI, 2018), os quais contribuem para uma significativa amplitude conceitual e multidisciplinar (PARIS, 2001). Contudo, sua discussão recai sobre a essência do seu significado, tendo o indivíduo e seu bem-estar como referências finais (OLIVEIRA, 2009).

O desenvolvimento teórico da SH abarcou valores universais: dignidade humana, solidariedade e equidade (DE ALMEIDA ROCHA, 2017), o que permitiu avançar na identificação de ameaças ao indivíduo para recomendar melhorias práticas na vida cotidiana. Esse foco ganha respaldo em 1994, quando o conceito é formalmente declarado no Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), configurando-se como marco na abordagem de nível individual, além de ferramenta útil na compreensão dos desafios contemporâneos de promoção do bem-estar na vida cotidiana das pessoas.

Nesse contexto, o PNUD, em um esforço de direcionamento, apresentou 7 (sete) dimensões da SH: econômica, alimentar, sanitária, ambiental, pessoal, comunitária e política (UNDP, 1994), cujo delineamento a considera como multifacetada e exercida por meio desses componentes (BAMBALS, 2015), a partir de duas abordagens: (1) Intervenções de

¹ Trabalho apresentado no Eixo Gestão para o Desenvolvimento e Regionalidade do ENGECE, realizado de 25 a 27 de outubro de 2021.

cima para baixo em macroescala (segurança em termos de conflito civil) (BOLTON, 2011; IQBAL, 2006), e (2) Microescala de baixo para cima do cotidiano (segurança em países em desenvolvimento - pobreza e violência) (KOONINGS; KRUIJT, 2007; LEMANSKI, 2015).

É costume avaliar a SH utilizando medida universal de vários itens, com escopo de orientação de cima para baixo em macroescala. No entanto, são raros os estudos que abordam sua instrumentalização em escala local de baixo para cima (KOONINGS; KRUIJT, 2007). Lemanski (2015) observa que a agenda de SH necessitaria incorporar a microescala a fim de compreender como a SH afeta o dia-a-dia das pessoas em comunidades e, assim, contribuir na formulação de intervenções governamentais no âmbito local. O interesse teórico nessa pesquisa incide sobre a medição da SH, por meio da análise da literatura de estudos empíricos e revisão dos métodos e escalas utilizadas para a respectiva composição de indicadores que tornem as dimensões latentes em variáveis observáveis em nível local.

1.1. Pergunta Problema e Objetivos

O estudo buscou responder: Como mensurar a SH numa perspectiva de instrumentalização de baixo para cima em um contexto da vida cotidiana das pessoas em escala local? Como objetivo, tem-se: evidenciar dimensões e indicadores de SH que operacionalizem esse conceito na vida cotidiana das pessoas, a partir da revisão bibliográfica.

1.2 Justificativa

A literatura sobre SH reforça o debate da sua utilidade e confirma que a medir constitui um eixo importante de discussão (KUHLMANN; FARO, 2012), tendo relevância na sua operacionalização, apontando uma variedade de metodologias utilizadas para tal (NOBRE; BEZERRA; KUHLMANN, 2016).

Nobre, Bezerra e Kuhlmann (2016) destacam que medir a SH possibilita sua aplicação como política pública e princípio ordenador da formulação de políticas. Raciocínio semelhante é apresentado por Carr *et al.* (2020, p. 15) ao reforçar a “perspectiva de ser capaz de quantificar as necessidades de SH em qualquer espectro de segurança, definido localmente e que cubra todas as principais questões de segurança, terá apelo para legisladores e agências”. De forma similar ao exposto nas considerações dos autores, a presente pesquisa expressa esse entendimento, cujo delineamento se volta para a elaboração uma estrutura de análise para mensurar a SH num contexto de questões locais e cotidiano da vida das pessoas.

Uma estrutura de análise em nível local, segundo Boyce e Katz (2021), tende a trazer respostas bem-sucedidas ao atendimento às necessidades humanas. Sotlar e Tominc (2019) afirmam que a percepção da SH é favorecida em situações/eventos ocorridos no nível local, tornando-se assim, visível nesse nível. De fato, reconhece-se que autoridades locais precisam se empenhar para preencher os espaços de intervenção deixados em níveis governamentais superiores para fornecer respostas consistentes às necessidades da população, o que parece mais apropriado em abordagens de governança de baixo para cima.

Com essas considerações, evidenciar dimensões e indicadores da SH que operacionalizem esse conceito na vida cotidiana, a partir da revisão da literatura pode ajudar a preencher essa lacuna de abordagens locais de baixo para cima para se desenvolver modelos mais adequados de operacionalização. Essa pesquisa, portanto, pode contribuir para a agenda da SH ao enfatizar a importância de se reunir dados interpretáveis localmente para auxiliar governos subnacionais a promoverem a SH na vida cotidiana das pessoas.

2. METODOLOGIA

Os procedimentos utilizados envolveram a preparação teórica (levantamento de estudos teórico-empíricos) aproximando-se de uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2008) com aplicação de alguns recursos de procedimento bibliométrico.

Desse modo, utilizou-se a *Web of Science* como base de dados, a partir do Portal de Periódicos CAPES. Os critérios de elegibilidade e exclusão dos estudos adotaram os seguintes parâmetros (Quadro 1):

Quadro 1. Critérios de busca utilizados na *Web of Science*

Crítérios	Descrição
Pesquisa avançada	Permitiu formar e combinar resultados diversos
TS=	Pesquisa por termos de tópicos nos seguintes campos dos registros: título, resumo, palavras-chave e autor.
Termos de tópicos	“human security” e as seguintes variações: “economic security”, “food security”, “health security”, “environmental security”, “citizen security”, “community security”, “political security”,
English	Restrição por idioma
Últimos 5 (cinco) anos	Tempo estipulado
AND	Combinação de resultados
Ordem decrescente	Registro do número de citações

Fonte: Elaboração dos autores (2021)

A filtragem por título do estudo e a leitura do tipo *scanning* resultou na seleção de 819 (oitocentos e dezenove) artigos levantados. Na sequência, a implementação da leitura *skimming* (DE SORDI, 2013) e o fichamento das informações relevantes reduziu o conjunto de artigos para 6 (seis) casos em que as métricas de mensuração da SH envolviam indicadores para diferentes aplicações, utilizando um ou mais domínios. Esse procedimento evidenciou os conteúdos considerados no desenvolvimento da escala de conceito de SH.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a composição de indicadores, tomou-se como base o conjunto de dimensões e itens evidenciados nos conteúdos levantados no material teórico-empírico examinado. Esse processo abarcou a identificação de itens/atributos, por vezes representados em diferentes assertivas, o que exigiu um esforço de aglutinação e/ou adaptação para uma única assertiva, bem como a elaboração de novas, quando as existentes não expressavam alguma especificidade local. Esse processo deu-se por cotejamento analítico dos indicadores, evidenciando conteúdos teoricamente semelhantes. Foram identificados 8 (oito) domínios e 103 indicadores (Quadro 2).

Quadro 2. Domínios e indicadores de SH evidenciados

Domínios	N. de indicadores	Autores/ano
Segurança pessoal	15	Bambals (2015); Atienza (2015); Sotlar e Tominc (2019); Carr <i>et al.</i> (2020)
Segurança sanitária	9	Bambals (2015); Atienza (2015); Sotlar e Tominc (2019); Carr <i>et al.</i> (2020)
Segurança alimentar	12	Santos <i>et al.</i> (2014); Bambals (2015); Atienza (2015); Carr <i>et al.</i> (2020)
Segurança cibernética	3	Carr <i>et al.</i> (2020)
Segurança comunitária	21	Bambals (2015); Atienza (2015); Sotlar e Tominc (2019); Carr <i>et al.</i> (2020)
Segurança econômica	18	Bambals (2015); Atienza (2015); Sotlar e Tominc (2019); Pereirinha e Pereira (2019); Carr <i>et al.</i> (2020)
Segurança ambiental	11	Bambals (2015); Atienza (2015); Sotlar e Tominc (2019); Carr <i>et al.</i> (2020)
Segurança política	14	Bambals (2015); Atienza (2015); Sotlar e Tominc (2019); Carr <i>et al.</i> (2020)
8 dimensões	103 itens	6 estudos

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Os estudos selecionados subsidiaram tanto a definição e/ou construção de indicadores como a composição de uma escala de mensuração em nível local, cujo procedimento analítico promoveu a redução para 28 (vinte e oito) assertivas/indicadores,

buscando tornar mais consistente a apropriação dos conteúdos pelos respectivos domínios, ou seja, pelas variáveis latentes (Quadro 3).

Quadro 3. Composição das assertivas e da escala do conceito SH

<p>Vou apresentar algumas situações que podem gerar o sentimento de mais preocupação ou de menos preocupação nas pessoas. Considerando o seu cotidiano de vida e o de sua família, indique o quanto cada situação apresentada causa mais ou causa menos o sentimento de preocupação, utilizando para responde uma régua de 0 (zero) até 10 pontos, onde o zero representa Nenhuma preocupação e o 10 representa Intensa preocupação. Então, para cada situação apresentada, quanto menos preocupação você sentir, menor deverá ser a sua pontuação e, quanto mais preocupação você sentir, maior deverá ser a sua pontuação.</p>												
Nenhuma preocupação	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Intensa preocupação
<p>Qual pontuação você daria para expressar o seu sentimento em relação [...]</p> <p>[...] a ter comida diariamente na sua casa. [...] a ter dinheiro para comprar mais comida antes que ela acabe. [...] a ter dinheiro para compra alimentos variados. [...] a manter todas as refeições durante o dia/diariamente. [...] a comer a quantidade de comida que acha que precisa. [...] a ter que arcar com os gastos e despesas mensais. [...] ao rendimento das pessoas da casa ser suficiente para manter as necessidades da família. [...] a manter as despesas da casa em dia. [...] as informações que busca na <i>Internet</i>. [...] a suas informações pessoais na <i>Internet</i> serem resguardadas. [...] a utilização das suas informações pessoais por terceiros. [...] ao que costuma postar nas redes sociais ou <i>Internet</i>. [...] a qualidade da água que chega na sua casa. [...] a poluição do meio ambiente onde mora. [...] aos seus direitos e liberdades individuais. [...] ao funcionamento das instituições públicas e os serviços disponibilizados. [...] aos seus representantes governamentais. [...] a distribuição de renda no país. [...] a justiça brasileira. [...] a segurança pública. [...] a religião que segue. [...] a sua orientação sexual. [...] a sua saúde física. [...] a sua saúde mental. [...] a ter acesso aos serviços públicos de saúde. [...] a ter acesso ao atendimento médico por seu convênio de saúde. [...] a garantia da sua integridade física ao sair de casa. [...] a manter a posse da sua casa.</p>												

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

A partir dessa composição, algumas considerações são apontadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira diz respeito à necessidade de redução e de validação de indicadores utilizados. Assim, tanto as assertivas/indicadores que operacionalizam os domínios, como a escala de mensuração desses indicadores, precisarão passar por um processo de “avaliação de translação” (ELLIOT *et al.*, 2012) por especialistas. Observa-se que os indicadores propostos remetem à percepção dos pesquisados sobre aspectos de sua vida, dependendo da própria apreciação feita por eles, isto é, a percepção socialmente construída da sensação de segurança (subjetiva). Para medir o real estado de segurança (objetiva) é preciso considerar outros indicadores. A título de ilustração, utiliza-se, aqui, a abordagem de Perereirinha e Pereira (2019) ao diferenciar indicadores subjetivos de objetivos em relação à renda, apontando como subjetivo o indicador “insatisfação financeira com o rendimento auferido” e, como indicador objetivo “existência de situações de atraso no pagamento de [...]”.

Outro aspecto é que os itens deverão abordar sobre as preocupações dos sujeitos, considerando que a SH é abstrata e não usual na linguagem cotidiana. Sugere-se utilizar o termo “preocupação” como *proxy* da insegurança percebida, para facilitar o entendimento das assertivas em futuras pesquisas. Como limitações do estudo, registre-se o fato da análise ser circunscrita prioritariamente à *Web of Science* e, mais esporadicamente ao Google acadêmico. Desta forma, recomenda-se ampliar a amostra a partir de repositórios nacionais para possibilitar um maior conhecimento sobre indicadores de SH utilizadas em estudos brasileiros.

Finalmente, destaca-se necessária a inclusão de novas percepções e necessidades humanas, dado o contexto de mudanças da sociedade. A segurança cibernética, por exemplo, pode ser considerada, dada a variedade de ameaças à segurança pessoal pelo acesso à tecnologia digital e à *Internet*.

REFERÊNCIAS

ATIENZA, Maria Ela L. People’s views about human security in five Philippine municipalities. **Disaster Prevention and Management**, 2015. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/DPM-12-2014-0277/full/html>. Acesso em 2 jun. 2021.

BAMBALS, Rihards. Human security: an analytical tool for disaster perception research. **Disaster Prevention and Management**, 2015. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/DPM-06-2014-0106/full/html>. Acesso em 26 mai 2021.

BOLTON, Matthew B. Human security after state collapse: global governance in post-earthquake Haiti. **LSE Global Governance Working Paper Series**, n. RP 01/2011, 2011. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/32167/>. Acesso em 6 jul. 2021.

BOYCE, Matthew; KATZ, Rebecca. The health secure city: cities as conquerors of disease. In: **Inoculating Cities**. Academic Press, 2021. p. 227-233. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780128202043000127>

CARR, Stuart C. et al. Scaling the Security Staircase. **Political Psychology**, v. 42, n. 4, p. 575-595, 2021. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/pops.12715> Acesso em 14 ago. 2021.

CHRISTOU, G.; BRESLIN, S. Human Security: Twenty Years On. **Journal of Contemporary Politics**, v. 21, n. 1, p. 1-10, 2015. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13569775.2014.993904?casa_token=mjUXrDdRhI4AAAAA%3Ap-rzCyQ0DDGR2Pwq6c2xcQfWRc4aZxOd7xbDA9dqkUXGZ2Ou-6UT8TniXduuwUT_nhkdWkzng4rfzw. Acesso em 10 ago. 2021.

DE ALMEIDA ROCHA, Raquel Maria. O histórico da segurança humana e o (des) encontro das agendas de desenvolvimento e segurança. **Carta Internacional**, v. 12, n. 3, p. 104-129, 2017. Disponível em: <https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/676>. Acesso em 20 mai 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

KOONINGS, Kees; KRUIJT, Dirk. 1| Fractured cities, second-class citizenship. **Fractured cities: Social exclusion, urban violence and contested spaces in Latin America**, p. 7, 2007. Disponível em: <https://bitly.com/bqmbR>. Acesso em 26 mai 2021.

KUHLMANN, Paulo; FARO, Fabíola. Human Security and Emancipation: Measurements and issues. **Global Movements, National Grievances**, p. 293. Disponível em: <https://bitly.com/nmFpz>. Acesso em 16 mai 2021.

LEMANSKI, Charlotte. Everyday human (in) security: Rescaling for the Southern city. **Security Dialogue**, v. 43, n. 1, p. 61-78, 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0967010611430435>. Acesso em 26 mai 2021.

NOBRE, Fábio Rodrigues Ferreira; BEZERRA, Catarina Rose; KUHLMANN, Paulo Roberto Loyolla. Índices de geração de segurança humana: uma aplicação ao caso peruano/ Human security generation indexes: an application to the Peruvian case. **Revista de Estudos Internacionais (REI)**, v. 7, n. 2, p. 44-64, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/228832265.pdf>. Acesso em 10 ago. 2021.

OLIVEIRA, A. B. de. O Fim da Guerra Fria e os Estudos de Segurança Internacional: O Conceito de Segurança Humana. *Revista Eletrônica Aurora*. Ano III, n. 5, p. 68 -79, dezembro de 2009. Disponível em: www.marilia.unesp.br/aurora - ISSN: 1982-8004 . Acesso em 26 mai 2021.

PARIS, Roland. Human security: paradigm shift or hot air?. **International security**, v. 26, n. 2, p. 87-102, 2001.

SOTLAR, Andrej; TOMINC, Bernarda. Perception of Security Phenomena in Local Communities in Slovenia. **Revija za kriminalistiko in kriminologijo**, v. 70, n. 5, p. 439-454, 2019. Disponível em: https://www.policija.si/images/stories/Publikacije/RKK/PDF/2019/05/RKK2019-05_AndrejSotlar_PerceptionOfSecurityPhenomena.pdf. Acesso em 10 ago. 2021.

STOETT, Peter. **Human and Global Security**. University of Toronto Press, 2016. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.3138/9781442675919/html>. Acesso em 2 jun. 2021.

UNDP, United Nations Development Program. **Human Development Report 1990 - Concept and Measurement of Human Development**, New York, 1990.

ZERVAKI, Antonia. Human security and climate change mitigation: The case of ocean governance. **Marine Policy**, v. 98, p. 286-294, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0308597X18306973>. Acesso em 2 jun. 2021.